

## ADORAÇÃO SEM ENCENAÇÃO

---



"[20] Acabe convocou todo o povo de Israel e os profetas para se reunirem no monte Carmelo. [21] Elias se colocou diante do povo e disse: 'Até quando ficarão oscilando de um lado para o outro? Se o SENHOR é Deus, sigam-no! Mas, se Baal é Deus, então sigam Baal!'. O povo, contudo, ficou em silêncio... [30] Então Elias disse ao povo: 'Venham aqui!'. Todos se reuniram em volta dele enquanto ele consertava o altar do SENHOR que havia sido derrubado. [31] Pegou doze pedras, uma para cada tribo dos filhos de Jacó, a quem o SENHOR disse: 'Teu nome será Israel', [32] e com

elas reconstruiu o altar em nome do SENHOR. Depois, cavou ao redor do altar uma valeta com capacidade suficiente para doze litros de água. [33] Empilhou lenha sobre o altar, cortou o novilho em pedaços e colocou os pedaços sobre a lenha. Em seguida, ordenou: 'Encham quatro jarras grandes com água e derramem a água sobre o holocausto e a lenha'. [34] Depois que fizeram isso, disse: 'Façam a mesma coisa novamente'. Quando terminaram, ele disse: 'Agora façam o mesmo pela terceira vez'. Eles seguiram sua instrução, [35] e a água corria ao redor do altar e encheu a valeta. [36] Na hora costumeira de oferecer o sacrifício da tarde, o profeta Elias se aproximou do altar e orou: 'Ó SENHOR, Deus de Abraão, Isaque e Jacó, prova hoje que és Deus em Israel e que sou teu servo. Prova que fiz tudo isso por ordem tua. [37] Ó SENHOR, responde-me! Que este povo saiba que tu, ó SENHOR, és o verdadeiro Deus e estás buscando o povo de volta para ti!'. [38] No mesmo instante, fogo do SENHOR desceu do céu e queimou o novilho, a madeira, as pedras e o chão, e secou até a água da valeta. [39] Quando o povo viu isso, todos se prostraram com o rosto no chão e gritaram: 'O SENHOR é Deus! Sim, o SENHOR é Deus!'.'" (1Reis 18.20-21, 30-39 – Nova Versão Transformadora)

### 1. INTRODUÇÃO

Particularmente, refletir sobre temas relacionados à adoração é sempre algo desafiador. Principalmente porque o que chamamos de “adoração” em nossos dias, na maioria das vezes está bem distante do conceito bíblico de adoração expresso nas Sagradas Escrituras. Nos dias atuais, talvez pela falta de sinceridade ou por não corresponder à verdade, em muitas igrejas evangélicas há mais encenação do que de fato adoração.

Em mais de trinta anos de vivência eclesial, creio que já passei todos os tipos de experiências possíveis, tanto boas como ruins. Houve momentos em que me entristeci, chorei, por causa de ambiências que me faziam mal. Perdi a conta das vezes em que me vi como refém de locais que, em vez de serem promotores de conforto para a alma, eram ladrões de alegria. Lugares apelidados de “casa do Senhor”, mas com a total ausência do “Senhor da casa”. Espaços físicos que serviam tão somente para encontros religiosos frios e sem vida, onde músicos não conversavam entre si, a Palavra de Deus era desprezada e parte da liderança tinha uma vida cristã holográfica, teatral, fantasiosa, improvisada. Por outro lado, também já estive em igrejas onde alegremente declarei: “Deus está neste lugar!”, seja no amor e na comunhão existente entre os irmãos da comunidade, na atmosfera de

adoração presente no ambiente, nos louvores sinceros que tinham como único objetivo a glória de Deus, e na ministração da Palavra que fazia de cada culto uma experiência única com o Pai Celeste.

Com o passar do tempo, entendi que o antagonismo que havia entre as duas realidades que acabei de citar se devia à falta de compreensão por parte das pessoas, sobre o verdadeiro significado da adoração. Ainda hoje, essa oposição de ideias se faz presente em muitas comunidades cristãs. Há muita confusão instalada no meio evangélico quando o assunto é adoração. Por exemplo: como denominamos departamento ou setor responsável por essa área na igreja local? Ministério de louvor? Ministério de adoração? Ministério de música? Levitas? Ou a junção disso tudo? Aliás, por que quando refletimos sobre adoração, quase sempre o que nos vem à memória são apenas canções que entoamos na igreja? Quem nunca ouviu a frase: “enquanto a equipe de louvor vem à frente, fiquemos em pé para adorarmos ao Senhor”? Por que as pessoas proferem frases como essa? Por acaso não faz parte da adoração fica assentado durante o ajuntamento solene, sem expressar nenhum movimento corporal? **Adoração sem encenação...** este é o tema da presente reflexão.

## 2. O SIGNIFICADO ETIMOLÓGICO DE LOUVOR E ADORAÇÃO<sup>1</sup>

**2.1. Louvar**, do hebraico לָלַל (*hālāl*), significa “*glorificar como expressão de agradecimento, celebrar*”. O louvor representa as palavras ou cânticos pelos quais Deus é exaltado publicamente, ou pelos quais Sua glória é declarada abertamente.

**2.2. Adorar**, do hebraico שָׁחָה (*sāhāh*), significa “*prostrar-se de joelhos e encostar a testa no chão com a cabeça entre as pernas*”, “*encurvar-se e inclinar a cabeça à terra, a ponto de beijar os pés daquele que está recebendo a veneração*”. A adoração representa o que somos diante de Deus. Não é o que cantamos, mas como vivemos. Não é tanto o que fazemos para Deus, mas, principalmente, quem somos diante dEle. É mais do que expressões verborrágicas, de modo que nem toda declaração de louvor tem como fonte o coração de um adorador.

Adorar é uma expressão do coração, diz respeito à nossa atitude interior diante de Deus, isto é, o reconhecimento da grandeza, da autoridade e do poder daquele que está diante de nós. Adoração é quando nos colocamos diante de Deus e reconhecemos Sua soberania, superioridade e Seu direito sobre nós. É quando nos rendemos e nos colocamos ao Seu inteiro dispor, para que Ele disponha de nós segundo a Sua vontade, faça conosco o que bem desejar e realize em nós o Seu propósito, qualquer que seja ele. É repetir as palavras de Maria que disse: “*Aqui está a serva do Senhor; cumpra-se em mim a tua palavra*” (Lucas 1.38 – Almeida Século 21).

O louvor é uma expressão de adoração? Sim, com certeza! Mas a santidade também é. Na realidade, a santidade é o que autentica o nosso louvor diante de Deus. Sem ela, o que cantamos não

<sup>1</sup> VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 31, 172-173 p.

passa de produções rítmicas, acompanhadas de melodias bem ensaiadas e nada mais. Portanto, **o louvor é a ação consequente da minha rendição a Deus.**

### 3. O CONTEXTO HISTÓRICO DO TEXTO BÍBLICO

No contexto histórico da narrativa bíblica acima – que é uma das mais conhecidas de toda a Bíblia – a nação de Israel vivenciava intensa crise social, moral e, principalmente, espiritual. Os israelitas eram governados por Acabe, que foi *“pior que todos os reis antes dele”* (16.30). Acabe *“começou a se prostrar diante de Baal e adorá-lo”* (16.31). Baal era nome comum dado ao suposto deus da chuva e da fertilidade em Canaã – local onde a nação de Israel habitava. O culto a Baal envolvia, principalmente, sacrifício de crianças (cf. Jeremias 19.5), prostituição (cf. Números 25.1-3) e automutilação (cf. 1Reis 18.28). Acabe promoveu ritos de adoração a Baal e afastou o povo de Israel ainda mais do Deus verdadeiro. De acordo com a narrativa bíblica, Acabe *“fez mais coisas para provocar a ira do SENHOR, Deus de Israel, que todos os reis de Israel antes dele”* (16.33).

No Antigo Testamento, um dos papéis de um profeta era confrontar reis e sacerdotes em razão da apostasia muitas vezes por eles praticada. Por essa razão, Deus ordenou ao profeta Elias que se apresentasse diante de Acabe (18.1). Obediente, Elias encontra o rei Acabe e o desafia a convocar os profetas de Baal para uma competição no monte Carmelo. Os profetas, seguidos por multidões de pessoas, vêm de todo o país (vv. 16-20). No monte, durante a disputa entre deuses, Baal não responde às súplicas de seus profetas (v. 26). O Deus verdadeiro, no entanto, responde ao clamor de Elias com fogo do céu que consumiu totalmente a oferta de sacrifício oferecida a Ele (v. 38). Essa é a história como nós a conhecemos, conforme a Bíblia nos relata. Mas o que esse episódio tem a ver com a adoração em nossos dias? É o que veremos a seguir.

### 4. FOGO, SÍMBOLO DA PRESENÇA MANIFESTA DE DEUS

Em linhas gerais, na Bíblia há uma extensa lista de conceitos simbólicos para a figura do fogo. No Antigo Testamento, o fogo na maioria das situações era visto como agente de punição divina – como o fogo consumidor (cf. Gênesis 19.24-25; Deuteronômio 4.24; 5.25; Levítico 10.2; Números 16.35). Em alguns momentos, porém, era mecanismo de proteção divina – como a coluna de fogo que protegeu os israelitas do exército de Faraó no deserto (cf. Êxodo 14.19-20, 24; Isaías 31.9). Mas havia muitos outros significados. No texto bíblico que serve de base para nossa reflexão – e em diversos outros (veja também Levítico 9.23-24) – **o fogo serve como evidência da presença manifesta de Deus.**

Existe grande diferença entre Deus estar presente e Deus manifestar a Sua presença. Deus está presente em todos os lugares, em todos os momentos. Em uma de suas orações, o salmista Davi declarou: *“É impossível escapar do teu Espírito; não há como fugir da tua presença. Se subo aos céus, lá estás; se desço ao mundo dos mortos, lá estás também”* (Salmo 139.7-8 – NVT). A presença

manifesta de Deus, no entanto, é diferente da onipresença dEle. Deus não está mais presente em determinado lugar do que em outro. Contudo, Deus opta por manifestar a Sua presença de modo especial em momentos onde Ele é mais desejado e procurado. É do desejo de Deus se manifestar de forma mais perceptível onde Ele tem liberdade para atuar, onde há pessoas com o coração plenamente aberto para Ele. Em outras palavras, a presença manifesta de Deus se dá em meio à adoração (cf. 2Crônicas 20.18-19, 21-22).

É a presença manifesta de Deus que gera em nós mudança de caráter, que desperta em nós o pleno desejo pela santidade e nos torna mais parecidos com Jesus. É a presença manifesta de Deus que dá sentido às palavras do rei Davi quando ele, padecendo com a falta de comida e água no deserto de Judá, declarou: *“Ó Deus, tu és meu Deus; eu te busco de todo o coração. Minha alma tem sede de ti; todo o meu corpo anseia por ti nesta terra seca, exausta e sem água. **Eu te vi em teu santuário e contemplei teu poder e tua glória** [isto é, a presença manifesta de Deus]”* (Salmo 63.1-2 – NVT; leia também Salmo 27.4, 8; 51.17; 63.2; 73.17; 122.1; 27.4, 8).

Portanto, o embate ocorrido no Monte Carmelo não visava medição de poderes entre divindades. O verdadeiro objetivo da disputa entre Elias e os profetas de Baal era a manifestação da presença divina. Em seu discurso no monte a fala do profeta foi: *“invoquem o nome de seu deus, e eu invocarei o nome do SENHOR. O deus que responder [se manifestar, der sinais de sua presença] com fogo, esse é o Deus verdadeiro!”* (v. 24). O desafio de Elias se deu porque o povo de Israel tinha se habituado com a ausência da presença manifesta de Deus. O altar de adoração estava destruído (v. 30) e os israelitas não se importavam com isso. Ainda que afirmassem ser o povo de Deus, na prática viviam como povo de si mesmos. A adoração a Deus não era mais prioridade para a nação de Israel.

## 5. DOIS POVOS... A MESMA REALIDADE

Quando analisamos a narrativa bíblica sob a ótica dos nossos dias, vemos que a condição espiritual de Israel no tempo de Elias é bem semelhante à da nossa realidade, principalmente no modo como cultivamos a nossa espiritualidade no dia a dia. Por vezes, o texto bíblico serve de espelho para refletir, dentre outras coisas, a qualidade do nosso relacionamento com Deus, isto é, a forma como O adoramos. Se compararmos a realidade vivida nos dias do profeta Elias, com a atual, veremos que não há grande diferença comportamental entre o povo de Deus no Antigo Testamento, e o povo de Deus no tempo presente. As nomenclaturas são diferentes: no Antigo Testamento o povo de Deus era chamado “Israel”; nos dias atuais o povo de Deus é chamado “Igreja”. As diferenças, no entanto, quase param por aí, pois o comportamento dos dois grupos é praticamente o mesmo: dizemos que servimos e adoramos o Senhor, mas nos habituamos com a ausência da presença dEle manifesta entre nós. Não me refiro às pirotécnicas circenses presentes em muitas igrejas amalucadas por aí. Falo do momento em que a voz de Deus se torna tão audível em nosso coração, que penetra até mesmo o mais profundo da nossa alma.

Responda a si mesmo: faz quanto tempo que você não derrama realmente o coração na presença de Deus? Faz quanto tempo que você não se alegra verdadeiramente na presença de Deus? Qual foi a última vez que você entrou na igreja e não conseguiu reclamar de nada, porque a presença manifesta de Deus era tão gloriosa em sua vida que você não sentia falta de nada? Faz quanto tempo que você não vai para casa – após o culto – com o coração ardendo de satisfação pelo fato de Deus ter falado com você durante toda a mensagem, durante todo o louvor? Faz quanto tempo que você não acorda de madrugada e, em vez de chamar esse momento de insônia, entende que é o Espírito Santo te chamando a orar? Mais que isso... Qual foi a última vez que você perdeu a noção do tempo enquanto orava, porque não havia outra coisa melhor a se fazer do que estar diante da presença de Deus? Com raras exceções, infelizmente fazemos parte de uma geração que deixou de sentir saudades da presença manifesta de Deus. Muitos dos que se dizem cristãos em nossos dias desconhecem a diferença entre o ato de simplesmente ir à igreja, ao templo, com a verdadeira prestação de culto, com a genuína entrega do coração em total devoção a Deus. Para gente assim, a simples experiência religiosa, por mais superficial que seja, pode ser entendida como sinônimo de adoração.

## 6. O “BAAL” NOSSO DE CADA DIA

O povo de Israel começou a servir ao deus Baal e se distanciou da presença do Deus verdadeiro. Baal, do hebraico **בעל** (*ba'al*), tem como significado primário os termos “possuidor”, “dono”, “proprietário”. É aquele ou aquilo que exerce controle, domínio sobre algo ou alguém; é o que detém poder para bloquear ou desbloquear alguma área da vida de seu servo.<sup>2</sup> A Bíblia ensina que “*cada um é escravo daquilo que o controla*” (cf. 2Pedro 2.19 – NVT). De certo modo, é possível afirmarmos que, diariamente, no interior de cada um de nós há um “Baal” que luta para assumir o comando dos nossos pensamentos, da nossa vontade. Em nossa vida ele assume vários nomes como “*imoralidade sexual, impureza, sensualidade, hostilidade, discórdias, ciúmes, acessos de raiva, ambições egoístas, dissensões, divisões, inveja, bebedeiras, festanças desregradas e outros pecados semelhantes*” (cf. Gálatas 5.19-21 – NVT), que em conjunto, o apóstolo Paulo os chama de “*obras da carne*”, isto é, os desejos da natureza humana.

Em meio à apatia religiosa vivida por Israel, Elias se coloca diante do povo (v. 21) com a difícil missão de trazer a nação israelita de volta à presença de Deus. Diante da multidão reunida, o profeta Elias indaga: “*Até quando ficarão oscilando de um lado para o outro?*” (v. 21). É como se ele dissesse: “*Até quando vocês buscarão agradar a Deus em um momento e desobedecerão a Ele em outro?*” Para ilustrar a pergunta de Elias, imagine um pêndulo que não para de se mover, de um lado para o outro. Assim era a devoção do povo de Israel entre Deus e Baal. Como Deus não divide a adoração prestada a Ele com ninguém (cf. Isaías 42.8), a prestação de culto dos israelitas a Deus – se é

<sup>2</sup> VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 30-51 p.

que ela ainda acontecia – era rejeitada. O mesmo acontece conosco quando tentamos harmonizar a vontade de Deus com a nossa própria. O resultado será sempre uma vida cristã apática, sem brilho, teatral, voltada apenas para ativismos religiosos, performances bem elaboradas e nada mais.

## 7. O PRAZER GERADO PELA DESOBEDIÊNCIA

O povo de Israel tinha o desejo de unir a adoração a Deus com a adoração a Baal. Os israelitas queriam evitar o rompimento com o passado e rejeitar completamente a adoração a Deus, mas ao mesmo tempo gostavam dos ritos feitos a Baal, que eram certamente sensuais e impuros. Por que muitas vezes agimos dessa forma? Por que queremos servir a Deus com integridade, mas, ainda assim, continuamos a alimentar o “Baal” existente dentro de nós? Por que deixamos de dar prioridade e exclusividade a Deus em nossa devoção? A resposta é bem simples: é porque nós gostamos que seja feito dessa forma. Nós apenas não admitimos isso. Sejam sinceros: obedecer a Deus é algo bom ou ruim? Bom. E desobedecer a Deus, é algo bom ou ruim? Também é bom, também nos agrada; contrariar Deus de alguma forma também nos satisfaz. Para comprovarmos isso, basta olharmos para alguns exemplos contidos na Palavra de Deus. Repare que a árvore do conhecimento do bem e do mal *“era linda e seu fruto parecia delicioso”* (cf. Gênesis 3.6 – NVT); *“a estrada que conduz à destruição é ampla, e larga é sua porta, e muitos escolhem esse caminho”* (cf. Mateus 7.13 – NVT). Por essa razão, ao mesmo tempo em que oramos para que seja feita a vontade de Deus, desejamos que a vontade de Deus seja, na realidade, a nossa própria vontade. Gostamos de agradar a Deus, mas também gostamos de agradar a nós mesmos, independentemente se nossos gostos e desejos têm a aprovação de Deus ou não.

## 8. A APATIA COMO PRODUTO DA INDIFERENÇA

*“Até quando ficarão oscilando de um lado para o outro?”* (v. 21). A pergunta do profeta Elias à nação de Israel não foi retórica. Ele esperava que, de alguma forma, os israelitas se posicionassem. Mas de acordo com o texto bíblico, *“o povo, contudo, ficou em silêncio”* (v. 21). O silêncio do povo revelou total indiferença diante da palavra do profeta. Baal era considerado o deus da chuva e da fertilidade. Porém, havia três anos que não chovia e os recursos naturais eram escassos (17.1, 7; 18.1). Mesmo assim, os israelitas hesitavam em abandonar o falso deus. Sabemos que os prazeres que o mundo nos oferece produzem em nós falsa sensação de bem-estar. Temos ciência de que, longe de Deus, nunca experimentaremos a verdadeira paz e alegria. Ainda assim, hesitamos em abandonar coisas fúteis e temporais para nos dedicarmos plenamente a Deus. Às vezes, nós até adoramos a Baal pensando que se trata do Deus verdadeiro.

## 9. O INESGOTÁVEL AMOR DIVINO E O CAMINHO DA ADORAÇÃO SEM ENCENAÇÃO

No episódio ocorrido no Monte Carmelo o que mais me chama a atenção é que, a despeito de toda idolatria enraizada no coração da nação de Israel, *“o amor do SENHOR não tem fim! Suas*

*misericórdias são inesgotáveis... e se renovam cada manhã*” (cf. Lamentações de Jeremias 3.22-23 – NVT). Deus insiste em resgatar o Seu povo infiel, para novamente manifestar diante dele a Sua presença gloriosa. A mesma oportunidade está posta diante de nós. Independentemente das nossas ações até aqui, o amor de Deus por cada um de nós permanece o mesmo. Ele ainda anseia pelo fim da nossa oscilação espiritual e que tenhamos uma vida de adoração sem encenação. De modo que o episódio ocorrido no Monte Carmelo nos apresenta os passos necessários para que desfrutemos de uma verdadeira intimidade com o Pai Celestial. São eles:

**1. Mova-se** – *“Então Elias disse ao povo: ‘Venham aqui!’. Todos se reuniram em volta dele enquanto ele consertava o altar do SENHOR que havia sido derrubado.”* (v. 30).

A primeira atitude de Elias foi o ato de colocar o povo em movimento, isto é, fazer com que a nação de Israel estivesse totalmente envolvida com aquele momento cúltil. Pense por alguns instantes e responda si mesmo: como ficaria a sua igreja se todas as pessoas tivessem o mesmo grau de comprometimento que você? Para contemplarmos a presença manifesta de Deus, em primeiro lugar nós precisamos nos envolver integralmente com as coisas concernentes ao Reino de Deus. Sendo assim, fuja da inércia, saia da apatia, abandone o terreno da indefinição e da falta de postura sólida. Comprometa-se integralmente com a vontade de Deus para a sua vida. Posicione-se e abrace a sua vocação e missão dentro do Reino de Deus.

A vida cristã é dinâmica. A inércia não faz parte dos planos de Deus para a Sua Igreja. Em seus ensinamentos, o Senhor Jesus nunca se apresentou como um destino a ser alcançado. Em vez disso, Ele se colocou como “o caminho” a ser seguido (cf. João 14.6). Jesus não é o ponto final na estrada da vida cristã. Cristo é o caminho, a direção, uma nova forma de ir, um novo jeito de produzir, de avançar, de amadurecer. O caminho para a presença manifesta de Deus passa necessariamente, pela estrada do comprometimento, do relacionamento mútuo, do movimento diário em direção a Deus. Portanto, seja quem você é no coração de Deus! Mova-se!

**2. Reconstrua o altar** – *“Pegou doze pedras, uma para cada tribo dos filhos de Jacó, a quem o SENHOR disse: ‘Teu nome será Israel’, e com elas reconstruiu o altar em nome do SENHOR.”* (vv. 31-32).

Elias sabia que sem a restauração do altar, não haveria fogo, não haveria a manifestação da presença de Deus. Altar era o local onde se apresentava a oferta, o sacrifício, a dedicação, mas estava todo em ruínas. A condição espiritual da nação estava, de certa forma, representada pelos escombros do altar. Nos dias atuais o altar pode muito bem simbolizar a essência da nossa vida e o que, a partir dela, nós produzimos. Podemos nos referir ao altar como a nossa vida interior, e o animal sacrificado como o nosso comportamento diário. Nessa configuração, falar sobre o altar é pensar não apenas no modo como nos relacionamos com Deus, mas, também, na qualidade dessa relação que – muitas vezes – é contraditória já que não passamos tempo todos os dias com Deus e, ainda assim, dizemos que

queremos passar a eternidade com Ele. **Deus não nos chamou para participarmos apenas de encontros realizados em nome de dEle. Deus nos chamou para cultivarmos um relacionamento íntimo com a pessoa dEle.** Se formos sinceros diante de Deus, concordaremos que não é por falta de tempo que deixamos de orar. Na maioria das vezes é por falta de vontade mesmo.

Na reconstrução do altar por Elias, doze pedras foram utilizadas – representando as doze tribos de Israel. Nenhuma tribo foi esquecida, nenhuma parte que compunha a nação de Israel foi deixada de lado. Da mesma forma, a construção ou reconstrução do nosso altar deve abranger todas as áreas da nossa vida. Assim como quando compramos uma pizza por meio do serviço *delivery*, ela nos é entregue inteira, não podemos oferecer a Deus apenas fatias da nossa vida. Deus ofereceu o Seu único Filho para morrer em nosso lugar. Essa oferta foi completa. O Senhor Jesus foi oferecido por inteiro. Diante disso, como nos atrevemos a oferecer a Deus apenas pedaços da nossa existência? É algo a se refletir. Nossa dedicação a Deus deve ser completa. Deus não quer um coração pela metade. Dedicar somente parte da nossa vida a Ele é o mesmo que rejeitá-Lo. Afinal, *“ninguém pode servir a dois senhores, pois (...) será dedicado a um e desprezará o outro”* (cf. Mateus 6.24 – NVT).

**3. Elimine de sua vida todo mérito humano** – *“Em seguida, ordenou: ‘Encham quatro jarras grandes com água e derramem a água sobre o holocausto e a lenha’. Depois que fizeram isso, disse: ‘Façam a mesma coisa novamente’. Quando terminaram, ele disse: ‘Agora façam o mesmo pela terceira vez’. Eles seguiram sua instrução, e a água corria ao redor do altar e encheu a valeta.”* (vv. 33-35)

No momento em que o holocausto e a lenha pegassem fogo, talvez alguém sugerisse que houvesse ali algum tipo – ainda que misterioso – de combustão espontânea, ou que Elias, de forma obscura, interferiu no processo sacrificial. Por isso, o profeta fez questão de deixar claro ao povo de Israel que, o ato fenomenológico que ocorreria naquele monte, seria algo exclusivamente divino. Elias tinha plena consciência de que, diante do povo, era visto como grande profeta. Contudo, também sabia que, diante de Deus, ele era simplesmente servo, sem qualquer destaque nos atos poderosos de Deus. Esta é a chave da verdadeira espiritualidade. Talvez tenha sido com esse conceito em mente que o escritor e evangelista britânico, Leonard Ravenhill (1907-1994), declarou: *“Não me diga quantos cultos você frequenta, nem quantos dons você tem, nem quantos sermões você pregou, nem quantas músicas você gravou... Me diga quanto tempo você fica a sós com Deus e eu te direi o quão espiritual você é”*. Ele tinha razão. Como bem disse o teólogo cristão britânico, John Wesley (1703-1791), *“nós podemos levantar uma geração que saiba cantar, tocar, dançar e pregar muito bem; porém, se não soubermos levantar uma geração que saiba orar, seremos um povo sem a presença de Deus”*.

**4. Abra espaço apenas para a glória de Deus** – *“Na hora costumeira de oferecer o sacrifício da tarde, o profeta Elias se aproximou do altar e orou: ‘Ó SENHOR, Deus de Abraão, Isaque e Jacó, prova hoje que és Deus em Israel e que sou teu servo. Prova que fiz tudo isso por ordem tua.”* (v. 36)




“Sou teu servo”, Elias disse. Em sua afirmação, o profeta não utiliza o termo hebraico שָׂרָת (*shārat*, que significa “ministro”). Em vez disso, o profeta faz uso do termo hebraico עֶבֶד (*‘ebed*), que significa “o mais inferior dos escravos”. Buscamos todos os dias reconhecimento por quem somos e pelo o que fazemos. Apreciamos o mérito, a bajulação. Voluntariamente ou não, somos movidos por confetes. A tendência humana é a de fazer as coisas para se obter reconhecimento de alguma forma. Como seres humanos, a nossa inclinação é para buscar o pódio, o aplauso. Quando isso não ocorre, ficamos zangados, aborrecidos. Porém, tudo o que fazemos “vêm dEle, existem por meio dEle e são para Ele. A Ele seja toda a glória para sempre!” (Romanos 11.36 – NVT). Deus não precisa de nada vindo de nós. Então, quando Ele nos chama para vir e servir, não é para preencher uma necessidade. Ele está nos oferecendo um privilégio. É certo que, em determinados momentos, Deus age através de nós. Na maioria das vezes, porém, Deus age apesar de nós. O verdadeiro adorador é aquele que reconhece essa verdade no coração, no interior da alma, com gratidão, temor e reverência, pois “o SENHOR é Deus! Sim, o SENHOR é Deus!” (v. 39).

## 10. CONCLUSÃO

Observe que, na conclusão de sua oração, o profeta Elias declara: “*Ó SENHOR, responde-me! Que este povo saiba que tu, ó SENHOR, és o verdadeiro Deus e estás buscando o povo de volta para ti!*” No mesmo instante, fogo do SENHOR desceu do céu... Quando o povo viu isso, todos se prostraram com o rosto no chão e gritaram: ‘O SENHOR é Deus! Sim, o SENHOR é Deus!’.” (vv. 37-39). Que oração linda! Curta, simples, porém extremamente relevante e eficaz. Através dela é possível afirmarmos que o fogo do SENHOR desceu do céu com dois objetivos principais. Primeiro, para mostrar a nação de Israel quem é o verdadeiro Deus; segundo, para deixar claro que **o desejo do SENHOR é o de buscar o Seu povo e trazê-lo de volta à Sua presença manifesta.**

**Talvez você já não sinta saudade da presença de Deus diante de você. Mas saiba que Deus tem saudade da sua presença diante dEle.** Saudade do tempo em que você chamar Deus de Pai fazia total sentido. Talvez você até esteja com saudades da presença de Deus; mas por causa de igrejas, pastores, líderes, você está com feridas abertas na alma que o impede de perceber a presença de Deus em sua vida. Neste caso, saiba que se você não se curar do que te feriu, vai sangrar sobre pessoas que não te machucaram. Altares quebrados, vidas quebradas, precisam de restauração. Independentemente da situação o Senhor Jesus diz: “Venham a mim todos vocês” (cf. Mateus 11.28 – NVT); em outro momento Ele vai além e declara: “De modo algum rejeitarei quem vem a mim” (João 6.37b – A21).

Que o fogo da presença manifesta de Deus possa arder em nosso coração (cf. Lucas 24.32), em nossa casa, na vida da nossa família, da nossa igreja, agora, neste momento, e para todo o sempre. Amém! *Soli Deo Gloria.*

 Reflexão baseada na palestra homônima ministrada em 23/11/2019, no 1º Congresso de Adoração “Serviçais do Reino”, promovido pela Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha – São Paulo/SP.